MENEZES, Rachel Aisengart. *Em Busca da Boa Morte*: Antropologia dos cuidados paliativos. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

Henrique Lemes da Silva[*]

"Todo o interesse na doença e na morte é, em verdade, apenas uma outra expressão do nosso interesse na vida"[1]. Já no prólogo, Rachel Aisengart Menezes nos mostra, com esta instigante citação, o que vem ser o tema central de seu livro: a reflexão sobre a busca de uma "boa morte" enquanto prática médica nos momentos finais da vida humana. Em situação ambígua na sociedade contemporânea, de escorraçada e negada por muitos à presença constante nos meios de comunicação, o olhar sobre a morte ganha uma nova perspectiva com o surgimento dos cuidados paliativos. Estes têm surgimento na Inglaterra no final da década de 1960 como alternativa à crescente tecnicização do aparato médico no controle da vida, na esteira dos movimentos pacifistas e de luta pelos direitos humanos. A partir de então, os cuidados paliativos rapidamente expandem-se pelo mundo na luta contra a exclusão e o abandono dos que estão em vias de morrer, muitas vezes esquecidos nos leitos dos hospitais, morredouro da sociedade ocidental.

Os Cuidados Paliativos postulam uma nova forma de assistência ao período final da vida de doentes diagnosticados como "[. . .] fora de possibilidades terapêuticas [. . .]", e fundam uma nova especialidade médica voltada especificamente para esta categoria de pacientes. Reconhecendo os limites da medicina contemporânea, os paliativistas buscam um novo alento para aqueles que, vítimas de câncer em estado avançado, são, como definiu Norbert Elias[2], empurrados para os bastidores e excluídos do convívio social. Nas palavras da autora, os cuidados paliativos buscam "[. . .] minorar o máximo possível a dor e demais sintomas dos doentes e, simultaneamente, possibilitar maior autonomia e independência dos mesmos." (MENEZES, 2004, p. 36). Com esta definição em mente, Menezes etnografa um hospital de cuidados paliativos no Rio de Janeiro onde diversos profissionais da área da

* Acadêmico de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Resenha confeccionada para a disciplina Antropologia VII: Leituras Etnográficas, sob orientação da profª. Cornélia Eckert, em junho de 2006. E-mail: hlemes@via.com.br

[1] Thomas Mann, *A Montanha Mágica*.

[2] ELIAS, Norbert. *A Solidão dos Moribundos, seguido de, Envelhecer e Morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

saúde militam pela humanização do morrer. A etnografia, originalmente sua tese de doutorado em medicina social, privilegia o dia-a-dia do hospital de cuidados paliativos bem como os profissionais paliativistas que ali trabalham.

Diferentemente de um hospital dito tradicional, este novo cenário possui características próprias. Inserido em um Programa de Humanização, a proposta do hospital de cuidados paliativos baseia-se na construção de um espaço físico humanizado, personalizando o indivíduo internado através de uma intervenção no ambiente institucional. Estendido, portanto, aos integrantes do ambiente hospitalar, o Programa de Humanização promove oficinas, cursos e treinamentos a fim de sensibilizá-los ao contato diário com a dor e com a morte. Nesta rotina, salienta Menezes, de "[. . .] cuidado com a delicadeza [. . .]", o treinamento para a valorização da vida frente a dor e a finitude humana apresenta-se como indispensável na transformação das representações sociais da morte, que, ao fim e ao cabo, reverberam numa nova maneira de encarar a vida.

Os atores deste cenário configuram uma equipe interdisciplinar, pressuposto básico da assistência paliativa, composta basicamente por médicos, enfermeiros, psicólogos, nutricionistas e assistentes sociais. A construção da identidade de paliativista, baseada no ideário do que vem a ser cuidados paliativos, assenta-se não na cura ou mesmo "salvação" do enfermo, mas sim no seu cuidado ao fim da vida, onde a meta é uma morte "humana", digna e o menos dolorosa possível. Além do conhecimento específico da profissão, o paliativista deve ser "humano", saber ouvir e demonstrar interesse pelo paciente como um todo, e não apenas no que concerne à sua formação profissional. O paliativista deve aderir ao ideário do morrer bem, visando um cuidado da totalidade "bio-psico-social-espiritual" de seus pacientes, equacionando o cuidado ao paciente com o controle de seu sofrimento físico e amparo psicológico.

Esta discussão apóia-se no próprio objetivo traçado pela autora, ainda na introdução, de analisar os cuidados paliativos sob múltiplos enfoques: sócio-histórico, buscando "[. . .] compreender o surgimento de uma nova forma de relação profissional e social com o processo de morrer"; e antropológico, dando ênfase nas "[. . .] práticas profissionais e os discursos produzidos sobre as mesmas." (MENEZES, 2002, p. 22). A prática dos Cuidados Paliativos pressupõe uma nova forma

de encarar a morte, onde a autonomia daquele que está morrendo é respeitada acima de tudo, passando o paciente a assumir o controle da situação dentro dos seus limites. O ideal é uma morte em casa, na proximidade da família e de entes queridos. Deve-se zerar todas as pendências a resolver de modo a partir de "consciência tranqüila", onde a transparência na relação dos profissionais paliativistas com a família e com o próprio enfermo desempenham papel fundamental nesse novo processo de morrer.

De modo um tanto paradoxal, os Cuidados Paliativos pretendem pôr fim a uma concepção médica vigente - da morte como um evento velado e oculto - criando outra, tornando a morte visível socialmente. Dito de outra forma, os Cuidados Paliativos propõem a construção de novas representações sobre a morte, valorizando as emoções, a subjetividade, a sensibilidade, a receptividade e as relações interpessoais. Nos termos de um processo civilizador, conforme Elias, os profissionais paliativistas voltam-se para a gestão das emoções nos momentos finais da vida, adequados aos padrões atuais de sensibilidade.

Aos que se encantam com essa modalidade médica, ainda incipiente em países como o Brasil, a autora nos brinda com uma interessante reflexão sobre as conseqüências dos cuidados paliativos: será um levante contra o encarniçamento terapêutico proporcionado pela medicina convencional ou uma maneira de a medicina se infiltrar nos mais recônditos meandros de nossa vida? Menezes afirma que a medicina paliativa é uma nova forma de discurso em torno do morrer, que insurge nos limites da medicina curativa, em resposta ao seu olhar fragmentado do doente. Nesse sentido, a medicina paliativa atuaria em espaços onde antes não era vista, cristalizando uma ramificação do poder médico.

Enfim, numa época em que falar da morte pode parecer por demais mórbido, a consciência desta situação demonstra o quanto estamos vulneráveis às intempéries do destino e como relutamos em aceitá-lo. Nestes tempos de degenerescência, de culto exacerbado ao corpo, beleza e juventude, sustentados por todo um aparato de discursos médicos, opostos à realidade de pacientes Fora de Possibilidades Terapêuticas, os Cuidados Paliativos emergem com extrema destreza nas linhas de Rachel Menezes e seu *Em Busca da Boa Morte*.